INCORPORANDO A TAXONOMIA DE BLOOM E A APRENDIGEM COLABORATIVA, ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.

TATIANE CRISTINA GINO FERREIRA

Resumo

Este estudo apresenta conceitos teóricos sobre a aprendizagem colaborativa e a taxonomia de Bloom, atualmente temos muitos instrumentos para apoiar o trabalho pedagógico, no que se refere a definição dos objetivos educacionais, escolha da metodologia, estratégias, e dos instrumentos de avaliação. Na proposta de aprendizagem colaborativa, o conhecimento é construído coletivamente por meio de trocas e questionamentos. A Taxonomia de Bloom trata de instrumento para dar suporte ao planejamento pedagógico e organização dos objetivos educacionais, auxiliando no aprimoramento do processo educacional. Após revisitar propostas, características que dialogam como que diz estudiosos sobre o assunto, esta revisão bibliográfica apresentará exemplos de prática colaborativa inclusiva dos alunos com deficiências, realizada durante este ano letivo na unidade municipal de educação infantil em que leciono. No decorrer da proposta, esta prática busca relações com a taxonomia de Bloom, destacando as aprendizagens construídas pelos alunos ao longo do percurso a partir desta proposta, apontando a relevância das interações à formação da comunidade de aprendizagem.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. Taxonomia de Blom. Aprendizagem colaborativa. Planejamento.

Abstract

This study present theoretical concepts about learning collaborative and the taxonomy of Bloom, currently we have many tools to support the pedagogical work, in what refer on definition of educational objectives, the choice of methodology, strategies, and evaluation tools. The proposal of collaborative learning, knowledge is collectively constructed through the exchange and questioning. The taxonomy of Bloom treat of instruments to give support the pedagogical planning and organization of education objectives, assisting in the improvement of education process. After to revisit proposals, characteristics that dialogue how studious about the subject matter. This review bibliographic will present examples of practice collaborative inclusive of students with deficiency, carried out during that's school year at unity municipal of education child that I teach. During the proposal, that's practical will related with the taxonomy of Bloom, highlighting the knowledge built for the students along of the route from this proposal.

Keywords: Pedagogical Practices. Taxonomy of Bloom. Learning Collaborative. Planning.

Introdução

A história da educação tem passado por muitas transformações no processo de ensino e aprendizagem e na didática, observamos mudanças no ensino tradicional, antes marcado por métodos e conteúdos inflexíveis, tendo o professor único detentor do conhecimento, onde as vivências e conhecimentos prévios dos alunos são desconsiderados.

Avanços significativos na ciência e tecnologia, têm democratizado o acesso ao conhecimento, os recursos tecnológicos vêm mudando a forma como exercemos nossa cidadania e nos comunicamos, isto nos leva a considerar se a educação adequada para a visão do futuro. Estes desafios atinge a educação, sociedade, trazendo o acesso à informação por meio de dispositivos móveis.

Diante das novas exigências, torna-se fundamental a formação de sujeitos dotados dessas novas competências e habilidades, que atendam às necessidades da sociedade atual. Estamos abrindo novas possibilidades, reinventando nossa relação com o saber.

Práticas pedagógicas inovadoras revelam a necessidades de propiciar situações de aprendizagens que despertem e mobilize o aluno para investigação, produção do conhecimento e novas aprendizagens. Ao incorporarmos a taxonomia de Blom e a aprendizagem colaborativa, às práticas pedagógicas, envolveremos os alunos no processo de construção de conhecimento, para que todos desenvolvam algum tipo de aprendizagem.

A metodologia deste estudo é a revisão bibliográfica, ao longo deste percurso dialogaremos com o que diz os estudiosos sobre essas temáticas, trazendo hipóteses ricas sobre o assunto.

Aprendizagem colaborativa e as mudanças na educação

Vivemos em um tempo de constantes mudanças na nossa sociedade, e a educação também tem sido afetada, por isto evidencia a necessidade de a escola repensar o seu papel, revendo as metodologias e estratégias de ensino para que contemplem as necessidades dos estudantes. O impacto dessas mudanças descentralizou a escola como a única fonte de saber, uma vez que os meios

digitais apresentam um grande volume de informações, e as tecnologias trouxeram ferramentas que contribuem para a educação.

Aprendizagem colaborativa é uma metodologia pedagógica pautada na cooperação e participação ativa no processo de construção do conhecimento. Mais do que um trabalho feito em grupo, a colaboração envolve o compartilhamento dos mesmos objetivos, unindo as diferentes habilidades. A educação colaborativa contribui muito com a aprendizagem dos alunos, pois compreende que educadores e educando devem atuar na construção de conhecimento. Existe entre eles uma relação de interação, sendo o professor o mediador neste processo. Ao promover a troca de experiencias, aprendemos uns com os outros.

Torres e Irala (2014, p.07) falam sobre a aprendizagem colaborativa:

Um conceito simples de aprendizagem colaborativa é que essa é uma situação de aprendizagem na qual duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo junta. Esse conceito geral pode ser interpretado de várias maneiras: o número de sujeitos pode sofrer grande variação, podendo ser duas ou milhares de pessoas; aprender algo também é um conceito muito amplo, pois pode significar o acompanhamento de um curso ou ainda a participação em diversas atividades como, por exemplo, as de resolução de problemas; o aprender "em conjunto" pode ser interpretado de diversas maneiras, como situações de aprendizagem presenciais ou virtuais, síncronas ou assíncronas, esforço totalmente em conjunto ou com divisão de tarefas. Assim sendo, a prática de aprendizagem colaborativa pode assumir múltiplas caracterizações, podendo haver dinâmicas e resultados de aprendizagem diferentes para cada contexto específico.

As tecnologias digitais favorecem o desenvolvimento de aprendizagens significativas, por isto é muito importante um olhar atento para as características da comunidade em que a unidade está inserida, e a realidade dos alunos. Chaves (2002) aborda a necessidade de se escolher uma tecnologia que seja uma aliada para a aprendizagem em termos de consistência, clareza, navegabilidade e rapidez.

Estimular o protagonismo dos alunos neste processo é fundamental, é preciso ter clareza que professores devem ser mediadores, facilitadores do conhecimento e não os únicos detentores da informação, sendo assim compreendemos que educadores e educando devem atuar juntos na construção de conhecimento. Furtado (2001) aponta para a importância da interdependência positiva dos sujeitos envolvidos, onde cada um contribui para o processo e para o sucesso do grupo.

2.2 Taxonomia de Bloom

Benjamin Bloom pedagogo e psicólogo norte americano, entendia que a educação vai além do âmbito acadêmico, portanto deve oportunizar o desenvolvimento do potencial de cada educando. A Taxonomia de Bloom é um instrumento para dar suporte ao planejamento pedagógico e organização dos objetivos educacionais. Nos dias atuais temos muitas teorias que dão suporte às práticas pedagógicas, a taxonomia de Bloom é uma das teorias de aprendizagem que auxiliam no aprimoramento do processo educacional. A proposta de Bloom vem apresentar a importância de um espaço dialógico, onde a comunicação não é pautada na transmissão, o conhecimento é uma via de mão dupla, educadores e educandos interagem e compartilham entre si. De acordo com Krathwohl (2002), Benjamim Bloom percebia nesse modelo muito mais do que uma simples ferramenta para medir a aprendizagem.

Sabendo que a aprendizagem resulta do pluralismo e da interação entre os envolvidos, o professor deve planejar e mediar este processo, contribuindo com a construção de novos conhecimentos.

Para garantir a aprendizagem, Santos (2006) afirma ser necessário métodos de aprendizagem que tirem os alunos da posição de agentes passivos e os tornem sujeitos atuantes no seu processo de aprendizagem.

De acordo com a Taxonomia de Bloom para considerar que houve uma aprendizagem real, o aluno precisa ser capaz de lembrar-se de conceitos aprendidos, entender os conteúdos, aplicar os conhecimentos em situações práticas e diferentes do cotidiano, ter capacidade para analisar e avaliar situações, além de capacidade para criar estruturas a partir do seu conhecimento (Bloom, 1973; Krathwohl, 2002).

Bloom estabeleceu níveis do processo de ensino e aprendizagem, que precisam ser alcançados em cada etapa. Os objetivos educacionais são classificados em domínio cognitivo, afetivo e psicomotor. O modelo proposto por Bloom, avalia o desempenho do estudante com base nos objetivos previamente definidos, assim o professor poderá avaliar a real necessidade do seu aluno, e a partir daí propor as ações necessárias.

Segundo Conklin (2005), a Taxonomia de Bloom e sua classificação hierárquica dos objetivos de aprendizagem têm sido uma das maiores contribuições acadêmicas para educadores que, conscientemente, procuram meios de estimular, nos seus discentes, raciocínio e abstrações sem distanciar-se dos objetivos instrucionais previamente propostos.

Conforme citam Lopes (1991), Coll, Marchesi e Palacios (2004) e Lowman (2004), uma vez que os alunos não apresentam as mesmas dificuldades de aprendizagem, o planejamento deve avaliar as deficiências e considerar as diversidades dos alunos.

2.3 Proposta de Prática Colaborativa

Escolhi falar de práticas colaborativas vivenciadas ao longo deste ano na escola em que trabalho, sou professora em uma unidade de educação infantil municipal, no início do ano letivo constatamos que receberíamos um número significativo de crianças com necessidades especiais, desde então toda a equipe escolar se empenhou em garantir o acesso de todos aos nossos espaços, as propostas ofertadas e aos materiais pedagógicos disponibilizados. Revisitamos e ressignificamos nosso planejamento, incorporando práticas inclusivas que favorecessem o acesso de todos, experiencias e aprendizagens significativas.

A nossa prática iniciou com a verificação e adaptação dos espaços físicos que não favoreciam a inclusão de todos, a coordenação e corpo docente revisitaram nosso planejamento, para que nossas práticas pedagógicas também estivessem alinhadas aos nossos objetivos. Algumas mesas e cadeiras apropriadas aos cadeirantes, foram colocados nas salas de convivência e no refeitório, para que as crianças pudessem em todos os momentos estar junto aos colegas do grupo.

De acordo com o proposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as interações e brincadeiras são os eixos estruturantes das práticas na educação infantil, neste contexto as crianças são o centro do planejamento. Enquanto brinca, o aluno amplia sua capacidade corporal, sua consciência do outro, a percepção de si mesmo como um ser social, a percepção do espaço que o cerca e de como pode explorá-lo" (Smole; Diniz, Cândido, 2000, p. 13).

Nas atividades físicas nos preocupamos em garantir as mesmas oportunidades, propondo atividades mais cooperativas e menos competitivas. Começamos avaliando as habilidades existentes dos alunos e quais precisavam ser trabalhadas, para depois planejarmos as propostas mais adequadas e significativas aos alunos.

A escuta ativa já está incorporada ao nosso fazer pedagógico diário, sendo assim, os pequenos participam ativamente dos caminhos de aprendizagem pensados pela equipe docente. Oferecemos diariamente propostas com atividades sensoriais variadas, pois além de divertidas estimulam os diferentes sentidos como o paladar, tato, visão, olfato, audição. Quanto maior for a exigência da percepção sensorial da criança, melhor será o seu desenvolvimento cognitivo, emocional, linguístico e social. Dentre as propostas favoritas dos pequenos estão: brincadeira com água, esponjas, papeis de cores. Explorar com o corpo, aromas, temperaturas, texturas. Utilizamos recursos diversos como a música, escrita, pintura, dança, entre outros.

Por meio dos jogos simbólicos, os pequenos colaboram uns com os outras fazendo com que as crianças com necessidades se sintam parte do todo. Ressignificamos as brincadeiras tradicionais, incorporando um novo olhar, propondo novos desafios. O objetivo é que a criança experimente a sensação de utilizar os outros sentidos, ao participarem de atividades que já fazem parte da rotina, e tenha a vivência por uma nova perspectiva.

Sabendo que a construção de novos conhecimentos, se dá a medida em que os alunos compartilham, colaboram, participam executando, estas práticas oferecem condições para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas e psicomotoras das crianças conforme posto na Taxonomia de Bloom.

De acordo com a Taxonomia de Bloom para considerar que houve uma aprendizagem real, o aluno precisa ser capaz de lembrar-se de conceitos aprendidos, entender os conteúdos, aplicar os conhecimentos em situações práticas e diferentes do cotidiano, ter capacidade para analisar e avaliar situações, além de capacidade para criar estruturas a partir do seu conhecimento (Bloom, 1973; Krathwohl, 2002).

É preciso compreender que somos seres únicos, cada um dotado de particularidades, necessidades, dons, sonhos e medos, que precisam serem vistos como diversidade e não como problema, por isto em nossa unidade, acreditamos que compreender a singularidade do ser humano na primeira infância é fundamental.

As práticas inclusivas apresentam ao aluno uma visão de mundo mais completa, diferenciada, fazendo-o enxergar as diferentes perspectivas.

Todos são capazes de aprender, porém existe pluralidade nem todos aprendem da mesma forma, no mesmo ritmo, com os mesmos recursos. Por isto é muito importante oferecer alternativas que propiciem o aprendizado de múltiplas formas. Por isto acredito que é fundamental incorporar na rotina escolar, práticas inclusivas que permitem a todos o acesso a aprendizagem, e se beneficiarem dela de alguma forma.

Considerações Finais

Um percurso pautado na aprendizagem colaborativa exige a interação doa alunos e a mediação do professor, de forma que todos trabalhem juntos tendo os objeti-

vos claramente definidos, acompanhados de avaliação contínua, revendo, reajustando se necessário. É preciso considerar os avanços ao longo do processo, como cheguei e como estou. A criação de ideias, implementação e testes para aferir se a solução planejada é adequada, são fundamentais para refinar e atender a necessidade apontada.

Para aplicar a Taxonomia de Bloom as propostas precisam contemplar os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor. É necessário o estímulo desses domínios, pois eles favorecem a efetivação da aprendizagem. Ao utilizá-la, os docentes estarão mais capacitados a projetar os conteúdos educacionais de forma estratégica para seus alunos. Ao planejar seus objetivos levando em consideração as categorias da Taxonomia de Bloom, o docente pode propor atividades que levem em consideração as diferentes categorias cognitivas sem concentrar-se apenas em uma delas.

As práticas colaborativas estimulam o protagonismo dos alunos, aumentando a motivação e envolvimento deles. As atividades coletivas e cooperativas favorecem habilidades fundamentais para o convívio em sociedade. Esta abordagem é fundamental para incentivar nos pequenos as competências interpessoais e socioemocionais, saber lidar com o outro tornará as crianças mais flexíveis e adaptáveis as diversas situações. Ao conviver com a diversidade as crianças estarão mais preparadas para autogerenciar suas emoções, contribuindo para a formação de adultos mais empáticos em relação ao outro. Este comportamento impactará a todos os envolvidos, equipe escolar, alunos e famílias, contribuindo para que tenhamos uma sociedade mais consciente e atenta.

Referências Bibliográficas

Bloom, B. S. Taxonomia de objetivos educacionais; compêndio primeiro: domínio cognitivo. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

Brasil. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

Chaves, Maria Cecília S. Fatores importantes para desenvolvimento de cursos on-line.

sites.uol.com.br/cdchaves/fatores_desenvolvimento.htm. .

Coll, C.; Marchesi, Á.; Palacios, J. (Org.). Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Tradução Fátima Murad.

2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Conklin, J. A taxonomy for learning, teaching and assessing: a revision of Blooms's taxonomy of educational objectives. Educational Horizons, v. 83, n. 3, p. 153-159, 2005.

Furtado, Maria Elizabeth Sucupira et alli. Um Sistema de Aprendizagem Colaborativa de Didática utilizando Cenários. Fortaleza, 2001, gmc.ucpel.tche.br/rbie-artigos/nr82001/furtado-mattos-furtado-holanda.htm, acessado em 20 de março de 2003.

Krathwohl, D. R. A revision of Bloom's taxonomy: an overview. Theory in Practice, v. 41, n. 4, p. 212-218, 2002.

Lopes, A. O. Aula expositiva: superando o tradicional. In: , Ilma Veiga Passos Alencastro (Org.). Técnicas do ensino: por que não? São Paulo: Papirus, 1991. p. 35-113. Cap. 2.

Lowman, J. Dominando as técnicas de ensino. Tradução Ohara Avrischer. Consultoria técnica Ilan Avrichir, Marcos Amatucci. São Paulo: Atlas, 2004.

Santos, Antonio Raimundo dos. Metodologia Cciêentiífica: a construção do conhecimento, 6. ed. Rrevisada. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Smole, Kátia Stocco (org.); Diniz, Maria Ignez; Cândido, Patrícia. Brincadeiras infantis nas aulas de matemática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Torres, Patrícia Lupion; Irala, Esrom Adriano Freitas. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento. Curitiba: Senar, p. 61-93, 2014.